

MANDARIM TRIUNFANTE: até quando?

Fábio José da Silva Nascimento

Mestrando em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RIO.

Professor da Rede Estadual de Ensino do Estado do Maranhão

fabiojosenascimento@gmail.com

RESUMO

Trata-se de uma apresentação “panorâmica” sobre a China. A natureza holística desta abordagem se encarrega de reunir relevantes elementos responsáveis pela ascensão deste colosso oriental no cenário global vigente. Ademais, este texto avalia o papel do país como principal “chão de fábrica do planeta e discorre sobre os “tentáculos” de Beijing sobre periferias, a exemplo da África e América Latina. Apresenta o rigor do governo central chinês na repressão a ações separatistas tibetanas. Trata de ações violentas promovidas por rebeldes islâmicos na província de Xinjiang. Destaca da tensa relação entre o sino-politburo e seus vizinhos asiáticos, especialmente o Japão, a Índia, Coreia do Sul e Taiwan, a “ínsula rebelde”. Evidencia a contribuição dos “comunistas mais capitalistas da história” para a manutenção das animosidades oriundas da “Guerra Fria” e ainda em hodiernas na península coreana. Debate a participação mandarim nos mercados de *commodities* agrícolas e energéticas. Delineia a recente aproximação Brasil/China.

Palavras-Chave: China; Cenário Global; Tensões Regionais; *Commodities*; Brasil.

MANDARIN TRIUMPHANT: until when?

ABSTRACT

This is a "panoramic" presentation on China. The holistic nature of this approach is in charge of gathering important elements responsible for the rise of this eastern colossus in the current global scenario. Moreover, this paper evaluates the country's role as the main "shop floor of the world and discusses the" tentacles "of Beijing on peripheries, like Africa and Latin America. It displays the accuracy of the Chinese central government in repressing Tibetan separatist actions. These violent actions promoted by Islamic rebels in Xinjiang province. Highlights the tense relationship between the Sino-politburo and its Asian neighbors, particularly Japan, India, South Korea and Taiwan, "rebel island". It highlights the contribution of the "most capitalist communist history" for the maintenance of animosities arising from the "Cold War" still in today's on the Korean peninsula. Debate Mandarin participation in agricultural and energy commodity markets. Delineates the recent rapprochement Brazil / China.

Keywords: China; Scenario Globally; Regional Tensions; Commodities; Brazil.

MANDARINA TRIUNFAL: hasta cuándo?

RESUMEN

Esta es una presentación "panorámica" en China. El carácter global de este enfoque es el encargado de recoger elementos importantes responsables de la aparición de este coloso oriental en el escenario global actual. Por otra parte, este trabajo se evalúa el

papel del país como el principal "taller del mundo y analiza los" tentáculos "de Beijing en la periferia, como África y América Latina. Se muestra la precisión del gobierno central chino en la represión de las acciones separatistas tibetanos. Estas acciones violentas promovidas por los rebeldes islámicos en la provincia de Xinjiang. Destaca la tensa relación entre el chino-Politburó y sus vecinos asiáticos, especialmente Japón, India, Corea del Sur y Taiwán, "isla rebelde". Se destaca la contribución de la "mayoría de la historia comunista capitalista" para el mantenimiento de la animosidad que surgen de la "Guerra Fría" todavía en la actualidad de la península coreana. la participación en el debate Mandarín mercados de productos agrícolas y energéticos. Delinea el reciente acercamiento Brasil / China.

Palabras clave: China; Escenario de Globalización; Tensiones Regionale; Materias Primas; Brasil.

INTRODUÇÃO

O ano novo chinês de 2008 foi emblemático para Beijing. Em diferentes cantos, os mandarins estampavam um ufanismo efusivo, um orgulho travestido em ritual de passagem de periferia agrária a colosso industrializado. A apoteose dessa transição fora iniciada na contagem regressiva para os jogos olímpicos na capital do país. A epopeia quadrienal de multimodalidades esportivas marcaria não somente o sino-ingresso no seletto clube de pátrias aptas a organizar eventos internacionais magnânimos e complexos. Na ocasião, o mundo conheceu um *newplayer*, meticuloso e desafiador. Propaganda do governo ou manifestações autênticas? Dificilmente se saberá, numa nação submetida à batuta unipartidária déspota, onde é imposta a mais de um bilhão de habitantes a lógica entoada por Caetano Veloso: “o certo é saber que o certo é certo”¹.

Entretanto, não se trata de um simplório resgate de uma autoestima embolorada, remota a quando os chineses triunfavam na condição de mecenas de tecnologias vanguardistas à época, a exemplo da pólvora. O farol do sino-presente ilumina o vindouro e é repleto de superlativos para além de sua superpopulação. Em termos econômicos, esse “dragão” angariou o posto de segunda economia mundial, em decorrência de reformas estruturais cuidadosamente conduzidas na segunda metade do século XX, quando declinou o maoísmo, marcado pela alienação de intelectos juvenis na avocada “Revolução Cultural”.

A engrenagem chinesa passara a girar celeremente, estimulada por reformas liberalizantes protagonizadas por Deng Xiaoping em zonas especiais. Desde então, “os

¹Trecho da composição *O Estrangeiro*, do álbum *Estrangeiro* (PolyGram do Brasil, 1989). Crítico contumaz das desigualdades, Caetano Veloso denuncia em várias passagens desta canção a naturalização da condição dominante: “O certo é louco tomar eletrochoque” e “O macho adulto branco sempre no comando”. No tocante à China, dentre as principais imposições dos “comunistas”, destaca-se a “política do filho único”.

comunistas mais capitalistas da história”² realizaram uma cuidadosa transição de economia planificada para o Capitalismo sob tutela estatal. De fato, a China subverteu projeções de analistas ocidentais feitas no pré-1950. Nesse período, muitos subestimavam a astúcia sínica após séculos de ostracismo, decorrentes de sobrepujas fragorosas em conflitos contra potências ocidentais. Essas humilhações históricas custaram tanto o isolamento econômico-cultural quanto a cessão de possessões portuárias importantes, como Hong Kong (Inglaterra) e Macau (Portugal).

No poente, se ingerência estatal chinesa fosse reproduzida nos mesmos moldes, certamente seria depreciada por liberais, através de variados adjetivos pejorativos, como se grande parte dos conglomerados corporativos ocidentais não se tivessem formado/consolidado graças a subvenções/intervenções estatais, tais como protecionismo, subsídios dos mais diversos e financiamentos com taxas reduzidas e prazos dilatados.

Contudo, no cenário vigorante, o modelo preconizado por Beijing trouxe vantagens ao capital, capazes de silenciar críticos liberais, mais ocupados em defender a redução da participação estatal na economia do que denunciar as recorrentes violações de direitos humanos, a precarização contínua das relações de trabalho e as demasiadas “perturbações desintegradoras” (AB’SÁBER, 2003, p. 25) ao meio, dentre outras atrocidades.

No Brasil, a estrutura oligopólio-monopolista avalizada pelo Estado “inventou o capitalismo sem concorrência” (SAFATLE, 2015, p. 34) ao fortalecer impérios entranhados em setores estratégicos, nos quais se sobressaem grupos empresariais como Globo, Gerdau, Odebrecht e Votorantim. Além de consolidar o compadrio em nichos de mercado, há um histórico de privilégios ao capital financeiro, voltados a favorecer rentistas com taxas de retorno excepcionais. Tal arquitetura, guardadas as devidas especificidades, não se diferencia muito do modelo chinês de apoio a capitais privados.

Na era dos fluxos, tempo de preponderância chinesa, Lefebvre (2006) destaca a inter-relação dos elementos constitutivos da dinâmica espacial não desvinculada do pretérito, conforme também ressaltam outros autores relevantes no âmbito da Geografia como Milton Santos (2003). Ou seja: convivem concomitantemente o passado residual repaginado e o presente em constante mutação. Conforme prefere Lefebvre (2006, p. 7): “ideologias se intercalam” em um mesmo espaço e “existem desencontros”. O arquétipo sino é um dos muitos exemplos de coexistência de formas tradicionais e modernas, no qual

²Afirmção creditada a Flávio Gomes (FOX Sports). Não é mais possível identificar no sítio eletrônico da ESPN Brasil o texto que originou esta expressão, em virtude da saída do jornalista da emissora. Na ocasião, discutia-se o fracasso de público do Grande Prêmio da China de Fórmula 1. De fato, o mais mercantil dos esportes não despertou interesse no emergente mercado formado por mais de um bilhão de consumidores potenciais. Os chineses parecem ser mais interessados em corrida de cães do que de automóveis.

traços arcaicos da agricultura familiar (arrozais de emprego intensivo de mão de obra) não submergiram no país, embora o campo não se revele mais com o valor de outrora, ante ao exponencial êxodo rural das últimas décadas.

Em tempo: convém ressaltar que este artigo possui o objetivo de enveredar pelos diversos contributos que alicerçaram a atual feição da China. No plano específico, pretende apontar caminhos para cenários futuros acerca do papel do país no cenário global. Portanto, dado o caráter holístico de tais intentos, é pertinente reconhecer que o aprofundamento das ponderações diversas adiante evidenciadas somente poderá ser efetuado em novos escritos, em decorrência das limitações de extensão desta publicação concatenadas à natureza complexa do tema em voga. Outrossim, trata-se de um simplório e desprezioso ponto de partida para discussões mais extensas no âmbito da Geografia.

Ademais, no tocante aos procedimentos metodológicos, recorre-se à revisão de literatura consorciada à pesquisa telematizada. Tal opção decorre da existência de vasta gama de informações e estudos sobre este tema, disponíveis em forma de impressos ou por meio eletrônico. Esses volumes são suficientes para contemplar a proposta desta publicação.

O CENÁRIO VIGENTE

Nas últimas décadas, a trajetória econômica chinesa cacifa os mandarins como desafiantes à hegemonia estadunidense no plano global. Embora muitos analistas financeiros ainda prefiram manter os Estados Unidos na dianteira da economia mundial, já existem indicadores em desacordo com este posicionamento:

Em abril, o Fundo Monetário Internacional (FMI) colocou pela primeira vez [a China] à frente dos Estados Unidos, ao calcular o Produto Interno Bruto dos países com base na paridade do poder de compra, um método neutralizador de disparidades cambiais. Por este critério, o PIB chinês no ano anterior somou 17,6 trilhões de dólares, ante 17,4 trilhões dos EUA (BARROCAL, 2015, p. 19).

A Modernidade, da qual a China é participante ativa, se assenta na hegemonia do modo de produção capitalista, sujeita a “[...] uma dupla regulação: operacionalizada e legitimada pelo Estado e pelo Mercado” (MOREIRA, 2004, p. 6). Esta prevalência tem três marcas precisas e interdependentes: a tríade “lefebvreana” homogeneidade-fragmentação-hierarquização. A primeira se revela no plano material por meio da padronização de procedimentos, de hábitos de consumo, de estruturas voltadas a perpetuação das engrenagens fundamentais à maximização da *mais-valia*. O alcance planetário das redes de

mobilidade e comunicacionais foram cruciais para a consolidação desta uniformização.

A fragmentação é fruto do desmembramento da esfera decisória, com fins de maximizar a dominação (por vezes apropriação) privada do espaço por parte dos detentores dos meios de produção. Esse fatiamento espacial permite a operação do capital em múltiplos espaços, repletos de singularidades. Contudo, o exercício dessa hegemonia nessa diversidade é constantemente rechaçado por resistências locais, embora, na maiorias dos casos, tais forças dificilmente encontrem meios eficazes para impelir a onipotência do aparato hegemônico. Nesses casos, as “táticas de guerrilha” são estratégias usuais, com vistas a futuras negociações voltadas a reduções de danos ou na obtenção de formas de mitigação. Falar-se-á mais adiante destas *contracondutas foucaultianas* (SOUZA, 2013, p. 82) no trato de insurgências separatistas no território chinês, exemplo de “[...] processos paradoxais de desenraizamento” (MOREIRA, 2004, p. 10) em tempos de Globalização.

A hierarquização se traduz na lógica piramidal, na qual o topo é reservado aos controladores dos processos, a faixa intermediária aos escribas vigilantes na efetivação de ordens superiores e a base às massas cumpridoras de deveres em troca de meios de subsistência, convertidas pelo capital em remunerações abjetas e, em alguns casos, escassos benefícios sociais para categorias com maior capacidade de articulação/reivindicação. Contudo, a mudança essencial desse item está centrada na escala. A estrutura assimétrica de poder atual fora engendrada para controlar uma neoarquitetura, configurada a partir de incorporação de “novos-velhos” lugares a processos produtivos em mutação constante.

Por vezes, tal inserção ocorre através antigos métodos de pilhagens, artifícios neocoloniais repaginados e ditados por “novas-velhas” metrópoles, organismos multilaterais aparelhados por neoliberais (FMI³, BIRD⁴, BID⁵) e intrusos de ocasião como a China. Porto-Gonçalves(2006, p. 19) enquadra essa configuração como tentativa deliberada de “*mudar para fique tudo como está*”. Esse novo arranjo é de tal modo imprescindível ao ordenamento do cenário vigente que requer a existência de um múltiplo conjunto de centralidades, com fins de manejar e materializar o desdobramento de ações em escala planetária, dada a integração espacial possibilitada pela evolução dos meios de mobilidade e comunicacionais.

A feição vigente das redes permitiu tanto a integração quanto o fracionamento espacial, forma desenhada por tecnocratas para planificar os interesses do Capital. Neste

³Fundo Monetário Internacional.

⁴Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento, instituição financeira pertencente ao Banco Mundial.

⁵Banco Interamericano de Desenvolvimento.

desenho, a lógica produtivo-espacial é utilitarista e atrelada às possibilidades do auferir *mais-valia*, aproveitando as potencialidades de cada lugar. É a ideologia hegemônica a ordenar territórios e regiões, alterando-os por meio de deliberações engendradas em gabinetes, alheias aos anseios de afetados por tais ordens. No bojo desta lógica, a China tornou-se o “chão de fábrica do mundo” em meio a “um conjunto de possibilidades, cuja efetivação depende das oportunidades oferecidas pelos lugares” (SANTOS, 2010, p. 337).

Ainda segundo Lefebvre (2006), de acordo com a lógica do Capital, a produção espacial deve ser mercantilizada, precificada, ainda que certos aspectos sejam intangíveis quanto ao valor de uso, a exemplo do patrimônio cultural. Os lugares tornaram-se produtos, com cotações acompanhadas por controladores hegemônicos. Retornar-se-á a este ponto, *a posteriori*, na abordagem acerca do sino-turismo de luxo, o “éden comuna”.

A CONJUNTURA ECONÔMICA

O aumento da participação de Beijing na seara mundial fora estruturada por décadas de atuação de forças sino-hegemônicas, engendradas por controversas lideranças/vasta burocracia. Contudo, ao contrário das democracias maduras, nas quais os movimentos dos dirigentes são transparentes/de interpretação fácil, na totalitarista república chinesa, o cenário é envolto a uma espessa penumbra de atos secretos. Portanto, fazer *telecoupling* das interações deste emergente é tarefa deveras árdua, pois tal decodificação requer enveredar por obscurantismos internos complexos. Decifrar o desenho atual do país depreca aptidão em sincronizar elementos postos meticulosamente em simbiose para gerar vantagens comparativas ao capital.

Essas proficuidades perpassam por eficiente infraestrutura de circulação/armazenamento; ambiente político estável (ainda que repressor); custo ínfimo do labor⁶; yuan⁷ artificialmente depreciado para facilitar a penetração de sino-quinilharias e outros bens de maior valor agregado em multimercados; risco “compartilhado” com o Estado através de *join ventures*, legislação ambiental branda; garantias na oferta contínua de insumos⁸; dispêndios estatais maciços em Educação⁹, dentre outras benesses oferecidas até

⁶No “pacote de precarização do trabalho” prevalecem jornadas exaustivas, ausência de proteção social para acidentes de trabalho, vencimentos em grande monta inferiores a cem dólares, inexistência de atividade sindical, baixa proteção contra a insalubridade/periculosidade, dentre outras violações, algumas análogas à escravidão.

⁷Moeda local.

⁸Muitos desses itens são importados, como minerais, alimentos etc.

⁹A China prioriza a Educação técnica e tecnológica. Normalmente, seus líderes mais importantes são engenheiros.

a rivais históricos como japoneses e estadunidenses.

Tais condições foram determinantes para a atração de capitais. Em poucas décadas, o dinamismo econômico chinês (lógica do crescimento como sinônimo de desenvolvimento) possibilitou a exponencial elevação do Produto Interno Bruto em dois dígitos percentuais anuais (ALMEIDA, 2014, p. 726).

Embora a produção industrial seja a locomotiva econômica chinesa, há um crescente interesse na diversificação das atividades produtivas, como forma de minimizar os efeitos de uma eventual crise na plataforma de exportações do país. Uma das alternativas mais estimuladas são os investimentos no Turismo¹⁰. Mesmo ciente dos riscos inerentes a um setor muito sensível a oscilações cambiais e orçamentos domésticos comprometidos, o governo estimula a atração de visitantes, interessados em adentrar num solo que restringiu observações *in loco* de estrangeiros por séculos.

Há opções para diversos bolsos. Nesse ensejo, a valorização da cultura local é lastreada por uma lógica mercantil. Portanto, por vezes, é necessário forjarem-se “[...] reavaliações do passado incrustados em patrimônios culturais” (MOREIRA, 2004, p. 11) para fins de entretenimento. Torna-se, assim, imprescindível recriar-se uma atmosfera de ambiente “amigável”, exótico e deslumbrante, pronto para ser degustado, visto, sentido em cores, texturas e aromas. Essa reinvenção fora possibilitada tanto pela criação de espaços-fetiche quanto pelo dinamismo de meios circulantes e comunicacionais. A prevalência do império das técnicas consolida *nexus* entre dispersos lócus. Tendo em vista a exposição planetária dos lugares e, em meio a possibilidades de transeuntes viverem efemeramente muitos dos milhares cantos do mundo, (re)descobertas são glamourizadas, “pasteurizadas”, precificadas e comercializadas, conforme exalta o roteiro turístico articulado na era de trânsitos transfronteiriços, reverenciado por Costa (2015a, p. 44):

A chamada Rota da Seda cruza a Ásia, começando em Pequim e terminando em Moscou, seguindo as pegadas de Marco Polo por longínquas e absolutamente impactantes paisagens. O roteiro, com 21 dias, é feito em dois trens de primeiríssima classe: o Shangri-La Express e o Golden Eagle Trans-Siberian Express. A programação inclui momentos difíceis de apagar da memória: visitas à Praça Vermelha, ao Kremlin, à Cidade Proibida, à Muralha da China, ao exército de soldados terracota em Xian, às madrassas de Tashkent e Samarkanda (no Uzbequistão) e às cidades muradas de Merv (no Turcomenistão), além de um almoço num povoado nômade do Cazaquistão. Ainda na China, em Dunhuang, vivencie um dos pontos altos da viagem: um passeio de camelo pelo deserto de Gobi. O roteiro terrestre custa de US\$ 24.595 a US\$ 43.995, dependendo do tipo de cabine nos trens. Esse preço não inclui bilhetes aéreos e despesas com vistos.

¹⁰De acordo Smith e Braein (2007, p. 102-103), o Turismo responde anualmente por um percentual entre cinco e nove por cento do Produto Interno Bruto da China.

Entretanto, mesmo para o *trade* turístico habituado a comercializar “lugares únicos”, direcionados a abonados incólumes às cíclicas crises do capitalismo, é pertinente considerarem-se outros elementos capazes de afetar desenhos de demanda fincados em premissas pretéritas de comportamento de consumo:

Quem diria que os consumidores de luxo iam ponderar sobre preços dos objetos de desejo? [...] As margens carnudas praticadas pelo setor e os tais valores intangíveis estão sendo colocados à prova nas calculadoras dos turistas. Eles são responsáveis por metade dos gastos com bens pessoais de luxo, que em 2014 atingiram 224 bilhões [de euros]. Esse movimento tornou a indústria muito mais suscetível às variações cambiais do que antes. Não há blindagem de sonho e magia diante de dólar forte e euro fraco. Coloque nessa equação a presença on-line mais efetiva das marcas, que permite aos compradores saber quanto custa uma bolsa ou sapato em diferentes canais e países. É luxo com GPS (KLINKE, 2015, p. 4).

OS TENTÁCULOS EM ESCALA GLOBAL

Atualmente, os sino-tentáculos estão sorrateiramente distendidos por inúmeros lugares do planeta, numa sanha voraz por *commodities* capaz de dilapidar frágeis Estados, impotentes ante ao desmesurado repertório de artifícios de dominação (LEFEBVRE, 2006). O neocolonialismo chinês combina atos pragmáticos meticulosamente ensaiados, escambos da modernidade (estádios de futebol, em lugar de espelhos) e uma boa dose de habilidade político-diplomática ao cooptar dirigentes inescrupulosos, ávidos por “mercantilizar seus territórios”.

No vácuo do descaso ocidental¹¹, o imperialismo mandarim avança, em meio a ensaios de “privatização da natureza” (GUIMARÃES, 1997, p. 26). Paulatinamente, os chineses vertem vultosos aportes em nações africanas. Em contrapartida, requerem privilégios no acesso a recursos¹²:

Na tentativa de ampliar sua influência política e econômica no continente, os chineses têm financiado obras de infraestrutura e se tornado responsáveis por serviços básicos em países que, em troca, contratam empresas chinesas ou tornam-se importantes fornecedores de recursos naturais para o país asiático [...] Mas quanto exatamente os chineses estão investindo, onde e em que condições sempre foram segredos guardados a sete chaves por autoridades de Pequim. [...] Agora, pesquisadores [...] classificam de “ajuda” chinesa para a

¹¹Com o fim da guerra fria, os Estados Unidos não demonstraram o mesmo entusiasmo em estabelecer parcerias com instáveis nações africanas, em virtude da desintegração seu principal inimigo, a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). O “velho continente”, por sua vez, diante das dificuldades econômicas persistentes há anos e em meio às querelas inerentes à consolidação da União Europeia, optou por não ensartar a África entre suas prioridades.

¹²Destacam-se os acordos firmados com países como Congo, África do Sul, Angola e Tanzânia. Na maioria das nações africanas, não há leis de licitações nos moldes ocidentais. Esta facilidade tornou o continente laboratório de expansão dos capitais chineses para além da “Grande Muralha” (BARROCAL, 2015, p. 23).

África - e que, na realidade, se refere ao "financiamento oficial" pelo Estado chinês de diversos projetos e iniciativas, desde obras de infraestrutura (com o envolvimento de empresas chinesas) até fluxos de comércio, investimentos em petróleo ou telecomunicações, *joint ventures* de empresas africanas com estatais chinesas, bolsas de estudo e programas de cooperação militar. Seus números mostram que em dez anos a China investiu um total de US\$ 75 bilhões (R\$ 150,6 bilhões) em projetos de "ajuda" e "desenvolvimento" na tentativa de assegurar seu poder de influência na África. E uma das novidades [...] é que, além da extração de recursos naturais e grandes obras de infraestrutura, os chineses estão financiando projetos em uma gama bastante variada de setores - que inclui, por exemplo, saúde, educação e até cultura (MAPA, 2015, s.p.).

No Oriente Médio, a ingente demanda chinesa por petróleo e gás natural motiva a aproximação de países como o Irã. Contudo, os diálogos de Beijing não se restringem à “República dos Aiatolás”. Sua influência ativa na região se estende a outras nações islâmicas, sobretudo no fornecimento de armamentos para os inúmeros grupos em confronto em vastas áreas desérticas.

Em aliança com a Rússia, a China se posicionou como respeitável força a contrapor a hegemonia estadunidense no médio oriente. O apoio dado ao títere Bashar al-Assad, na recente guerra civil síria, e a proteção informal ao programa nuclear iraniano, são demonstrações da influência destes novos atores em cenários estratégicos do mercado de insumos energéticos. Ademais, futuras ações militares dos Estados Unidos nesta parte da Ásia terão dificuldades de ser deflagradas de forma unilateral, como ocorrera na invasão ao Iraque para depor Saddam Hussein. Em suma: o intervencionismo de Washington tende a se fragilizar na região sem o aval ou abstenção da parceria russo-chinesa.

Na América Latina, o controle de jazidas minerais tornara-se obsessão para os “descendentes de Mao Tsé-tung”, sobretudo no Chile, Equador, Peru e Venezuela (petróleo). A complacência de frágeis democracias, ainda instáveis, após anos de submissão ao *Big Stick yankee*, possibilitou generosas concessões (leiam-se: espoliações ecológicas) aos chineses, em meio a duvidosas contrapartidas:

A mineração vence credos religiosos e ideologias políticas. Esquerda e direita acabam cooptadas, ou, dito de outra forma, subordinam-se igualmente às ordens do império extrativista. Abundam exemplos, seja pelo lado das forças da direita mais ostensiva à frente dos governos do México, Colômbia e Peru, seja pelo lado da esquerda hoje no poder no Brasil, Venezuela, Bolívia e Equador. Todos, de um lado e outro do espectro político, valorizam o extrativismo como fonte rápida de geração de receita para financiar notadamente programas sociais que, espera-se, possam conter a revolta social. [...] O tamanho da degradação socioambiental, porém, não justifica o baixo rendimento econômico da megamineração. Para a mina de Condor Mirador, por exemplo, a mineradora Chinesa ECSA vai abrir uma cratera de 250 metros de profundidade e mais de 1 quilômetro de diâmetro numa região amazônica dotada de dezesseis tipos de ecossistema. O Estado equatoriano fica só com 8% do lucro, estimado em US\$ 25 milhões por ano, ao longo dos dezessete anos de duração do projeto. Essa

cifra representa menos de 1% do orçamento fiscal (GUARTAMBEL¹³, 2015, p. 16).

No tocante à Agropecuária, monoculturas direcionadas à alimentação de grandes contingentes humanos e à ração animal são tão responsáveis por perturbações das mais diversas ao meio natural quanto à Pecuária de baixa produtividade esparramada por vastas porções de terras. Nesse contexto, Brasil/Argentina e China possuem participação ativa neste cenário. Os primeiros são responsáveis pela produção destes insumos e o último é o mercado preferencial destas *commodities*.

A demanda chinesa por produtos agropecuários é explicada por suas limitações naturais. O país possui um terço de seu território ocupado por deserto. Não bastasse as impossibilidades produtivas deste escaldante domínio arenoso, Gobi avança lentamente sobre estepes transitórias a outros biomas. Outro terço é pedregoso/montanhoso, sujeito a baixas temperaturas, o que também reduz as opções de lavoura/pastoreio. As áreas cultiváveis, sobretudo às terras de *loess*, já são largamente utilizadas, sobretudo na rizicultura¹⁴. A mecanização dessas áreas é vista com reservas por Beijing, haja vista que o aumento da produtividade seria acompanhado do dilaceramento da agricultura familiar¹⁵ e traria, como consequência, o agravamento do êxodo rural em curso há anos.

A importação de alimentos de outras áreas fora a alternativa encontrada para suprir a imane demanda chinesa por nutrientes. Dentre os seus principais fornecedores, destacam-se os latifúndios mecanizados no Centro-Sul brasileiro e centro-norte argentino, propriedades rurais que representam a supremacia de um modelo agrícola no qual a produção “não é feita para satisfazer quem produz” (PORTO-GONÇALVES, 2006, p. 28), ou seja: não se propõe a garantir a segurança alimentar dessas nações-celeiro sul-americanas. Ademais, o uso demasiado de agrotóxicos¹⁶, aplicados inadequadamente em vastas monoculturas¹⁷, acarreta vários prejuízos. Dentre as principais mazelas, destaca-se a indiscriminada contaminação hídrica e pedológica, desequilíbrios em cadeias alimentares preexistentes, resistência de pragas e impedimentos de propagação de micro-organismos

¹³Presidente da Confederação dos Povos Quíchuas do Equador (Ecuadorunari). Segundo ele, há várias tensões questionadoras da racionalidade econômica dominante em curso na América Latina. Uma das mais relevantes decorre das quantidades extraordinárias de águas utilizadas por megamineradoras. De acordo com Guartambel, (2015, p. 16), para se produzir 1 grama de ouro, são utilizados aproximadamente 8 mil litros de água e são removidas cerca de 250 toneladas de rochas. Na Guatemala, a mina Marlin consome, em apenas uma hora, o equivalente ao quantitativo usado por uma família campesina em 22 anos!

¹⁴Base da dieta asiática.

¹⁵Responsável pela ocupação de aproximadamente pouco menos que a metade da bilionária população do país (SMITH; BRAEIN, 2007, p. 122).

¹⁶Esse autor se recusa a fazer uso do termo *defensivo agrícola*, disseminado por corporações de suporte ao Agronegócio.

¹⁷Sobretudo cultivos de soja, milho, trigo (caso argentino) e algodão.

essenciais à fertilidade de terras.

Além disso, o uso de agrotóxicos em níveis alarmantes dificulta a eliminação de contaminantes no tratamento hídrico para fins urbano-industriais. Entretanto, os danos provocados não se limitam ao emprego de pesticidas. Tido, no campo hegemônico, como “redentor” da economia nacional, o “festejado¹⁸” agronegócio não se encalistra ante a *constrangimentos ecológicos* (MOREIRA, 2004, p. 6). Em geral, o setor secundariza perturbações ecológicas devastadoras, a exemplo do avanço de cultivos sobre áreas de proteção ambiental e terras indígenas¹⁹, da erosão de solos e do veemente uso de águas empregando técnicas de irrigação por vezes inadequadas, considerando-se cenários tropicais de insolação e suas elevadas temperaturas²⁰. Trata-se de um exemplo de conversão da natureza em “[...] meio de produção, objeto de uma apropriação social, atravessado por relações de poder” (LEFF, 2001, p. 66).

A insistência de produtores em encampar o modelo padronizado das empresas do setor²¹ minará, em breve, as possibilidades de manutenção da produtividade em vigor. Em suma: enquanto Brasil e Argentina degradam o espaço natural de seus territórios para saciar o sino-apetite, os chineses contaminam seu solo e seu ar para inundar o planeta com bens industrializados.

Ao equiparar-se a antigas potências, no tocante aos “[...] efeitos de uma cega [e predatória] racionalidade instrumental” (LEFF, 2001, p. 90), a China potencializou-se como ameaça aos *planetary boundaries*, dada a sua capacidade de gerar *vazamentos* em quintais alheios:

A poluição de material particulado no ar (poeira) na China é regularmente medida nos estados americanos da Califórnia, do Oregon e de Washington e no oeste do Canadá. A China é a principal fonte de deposição de mercúrio no Oeste americano, um lembrete marcante de que os problemas ambientais não respeitam fronteiras políticas.[...] O crescente apetite do povo chinês por carnes exóticas, partes de animais e plantas coloca em risco espécies raras e ameaçadas. A demanda chinesa por partes de rinocerontes, tigres, ursos e tartarugas, para citar algumas criaturas ameaçadas, é sentida em muitos países asiáticos - na verdade, em todo o mundo. Os tubarões, cujas barbatanas são retiradas para o preparo de sopas, estão em declínio e são capturados em lugares remotos, como as ilhas Galápagos. [...] Desde as cheias do rio Yangtzé, em 1998, quando a China proibiu a derrubada de árvores nas cabeceiras de seus principais rios,

¹⁸A prosperidade da Agropecuária brasileira é resultado de massivos investimentos públicos em pesquisa biotecnológica (EMBRAPA, ESALQ-USP, EMATER's, etc.), combinados com mecanização de colheitas, confinamento de matrizes de corte/leite, melhoria genética de exemplares, linhas de crédito, elevado retorno econômico-financeiro, disponibilidade hídrica, seguros-produção, etc.

¹⁹Ferindo o princípio de autodeterminação desses povos, a exemplo da reserva Raposa Serrado do Sol, em Roraima.

²⁰Leia-se: utilização de pivô central em vastas porções do Brasil Central/adjacências.

²¹Em especial, companhias de implementos agrícolas, fertilizantes químicos e sementes geneticamente modificadas.

creceu dramaticamente a importação chinesa de madeiras de lei exóticas da Indonésia, de Mianmar, do Camboja e de outros países com florestas tropicais remanescentes. A proibição aumentou a pressão sobre algumas das últimas florestas nativas do mundo, em parte para alimentar o mercado exportador de móveis para os Estados Unidos e outros países desenvolvidos. A proibição do corte de árvores na China também causou um enorme impacto nas florestas do extremo oriente russo, o último reduto do tigre siberiano, e em lugares como o Canadá, cuja indústria madeireira está se recuperando graças a seu novo grande cliente (SHAPIRO, 2015, s.p.).

A recente política chinesa de proteção aos remanescentes de floresta nativa dá a impressão de possível sensibilização do sino-politburo em relação aos serviços ecológicos dos biomas locais, sobretudo no salvaguardo de mananciais, preservação dos solos e sequestro de carbono da atmosfera. Entretanto, não há garantias de prevalência desta deliberação a vindouro. Essas áreas podem ter sido postas em repouso, como reservas de valor, para uso posterior quando os preços de *commodities* como madeiras estiverem elevados no mercado internacional.

A prevalência de posturas predatórias está diretamente relacionada a uma teia complexa de implicações e interdependências. Os chineses são os maiores credores dos títulos da dívida externa de Washington (superior a um trilhão de dólares). O fascínio de sino-investidores por papéis *yankes* vai além da obtenção de dividendos. Ao financiar o consumo estadunidense, os mandarins alavancam a sua própria produção industrial. Daí deriva a demanda *ad infinitum* de Beijing por *commodities* das mais diversas, sobretudo grãos e minérios. Traduzindo: o potencial destruidor da China não se resume a seu espaço interno. Também dilacera freguesias cooptáveis.

No tocante à interdependência, Porto-Gonçalves (2006, p. 22-23) reitera a necessidade de usar-se esse termo com zelo, ao destacar que

[...] interdependência não quer dizer, necessariamente, que todos são igualmente dependentes nessa ordem mundial de interdependência generalizada [...] Assim, a interdependência contém, embutida dentro de si, relações hierárquicas de poder que, se não consideradas, faz com que deixemos de fora um componente decisivo, constitutivo mesmo, da ordem mundial que vem se desenhando.

Ademais, os efeitos colaterais do manejo ostensivo da China no mercado internacional são refletidos numa tendência global de deflação, graças ao excesso de oferta industrial. A situação de momento não converge para uma crise similar ao *crash* da Bolsa de Nova Iorque (1929). Entretanto, é preocupante, pois desestimula investimentos, conforme apontam Davis, Hilsenrath e Wei (2015, p. B9):

Há mais de dez anos, a mão de obra barata de trabalhadores vindos do campo

inundou as fábricas chinesas, ajudando a derrubar o custo de tudo, de camisetas a triciclos. Depois, a crescente demanda do país por *commodities* como o petróleo e algodão ajudou a reverter a tendência de global de queda na inflação com um aumento dos preços das matérias-primas. Agora, o excesso de capacidade industrial e o crescimento lento voltam a pressionar os preços para baixo.

No mais, a inserção de novos atores poderá deslocar fluxos, fixos e capitais para novos espaços. Entretanto, não representa ameaça de substituição do modo de produção dominante, nem mesmo quando há alerta em prol da “[...] prudência ecológica necessária à conservação da biodiversidade e à vida das futuras gerações” (MOREIRA, 2004, p. 6). Em meio a um *modus operandi* predatório não declarado, os chineses têm reafirmado constantemente a disposição de acumular capitais por meio da ampliação do consumo interno, em decorrência a vigente desaceleração da economia mundial.

Esse fator aumenta a pressão sobre espaços naturais dentro e fora do país. A questão do pescado ilustra bem esta situação. Incrementou-se, nos últimos anos, a demanda por frutos do mar com a elevação da população urbana do país, atrelada ao aumento do poder de compra da classe média local.

De acordo com Vance (2015, p. 44), tal demanda estimulou mais de 700 mil pescadores chineses a vasculharem águas marinhas ao redor do mundo. Esta frota arrasta tanto espaçosas gaiolas quanto redes desmedidas para apreensão de variadas espécies. Ambas são técnicas responsáveis pelo contínuo esvaziamento dos cardumes mundiais nas últimas décadas. Para evitar o colapso da oferta, a China ampliou investimentos em criadouros tanto em águas doces quanto salgadas, com vistas à redução de riscos à segurança alimentar interna.

Contudo, proliferação da piscicultura tem gerado perturbações ambientais de outra ordem. O uso de rações e fertilizantes em viveiros ampliou a quantidade de nutrientes dissolvidos na água. Quando são liberados em cursos d’água adjacentes, causam transformações na dinâmica de ecossistemas. Em pequenos criadouros, o dano é mais percebido no âmbito local. Porém, quando se trata de grandes empreendimentos nesta atividade econômica (incluindo conjuntos de pequenas propriedades), o desequilíbrio pode alcançar proporções regionais, ou mesmo, com o passar dos anos, mundiais.

Por fim, no atual tabuleiro geopolítico, ascensão chinesa é sutil e contínua. Seus movimentos calculados são mais do que uma disposição simbólica de inundar céus não-orientais com coloridos e tradicionais fogos de artifício

É revelador olhar as contrapartidas e o que elas significam no planejamento dos próximos anos de Pequim na elaboração de uma nova ordem mundial. Chinês tem olho grande, não duvidem [...] O que quero ressaltar aqui é o método de

negociação chinês, seu infinito pragmatismo, senso de oportunidade e domínio da Lei de Gerson – que sempre gostou de levar vantagem em tudo (COSTA, 2015b, p. 2).

Dentre essas sutilezas, acrescenta-se a responsabilidade da máfia chinesa na promoção, nos subterrâneos da ilegalidade, da diáspora de seus concidadãos. No Brasil, populosas capitais estaduais são os destinos mais procurados por estes estrangeiros. Esses imigrantes são obrigados a trabalhar diuturnamente em estabelecimentos comerciais diversos, desde “lojinhas de quinquilharias” a pastelarias repletas de iguarias de procedência duvidosa. Por vezes, são submetidos a condições de trabalho análogas à escravidão. Para exemplificar esta situação, convém recorrer a hodiernas publicações midiáticas brasileiras (CARVALHO, 2015). Em algumas reportagens, pastelarias administradas por chineses são acusadas de recheiar seus produtos com carne canina. Certamente, nestes casos, não somente importaram as tradições da culinária mandarim, como também “boas” práticas sanitárias.

VIZINHANÇA TENSA

Embora o traçado fronteiriço chinês seja relativamente estável desde o final da Segunda Guerra Mundial, ainda é possível identificar resquícios de animosidades entre Beijing e suas cercanias, a exemplo dos mongóis nutridos por uma mágoa histórica, decorrente da perda de vastas extensões campestres pouco adensadas para o poderoso vizinho sulista. Sem saída marítima e espremida entre mandarins e russos, Ulan Bator introspecta sua resignação e aceita a contragosto a impossibilidade de mudar sua condição agrário-pastoril.

Contudo, não apenas a Mongólia protagonizara atritos históricos com a China. A Índia (potência atômica do sul asiático) frequentemente troca “insultos diplomáticos” com Beijing, em meio a arrazoas pelo controle da cordilheira do Himalaia e planalto do Tibete, áreas situadas na fronteira entre os dois países. Ademais, nesses domínios, diversos cursos d’água são persistentemente contaminados por efluentes sem tratamento técnico adequado. Acusações sobre a responsabilidade da degradação acirram consideravelmente a tensa relação entre as nações mais populosas do mundo.

Outra fonte de atrito entre Beijing e Nova Déli é o ambicioso sino-projeto *Colar de Pérolas*. Trata-se da expansão bélica chinesa pela borda do Oceano Índico, voltada ao controle de corredores marítimos asiático-africanos. A arquitetura esboçada pelos “comunistas” consiste em distribuir bases militares desde o litoral da África até Bangladesh,

contrariando o interesse da potência regional indiana, que ambiciona a hegemonia nesta vasta área.

Na faixa leste asiática, a China usa o isolado regime belicista norte-coreano como fantoche, em movimentos cuidadosamente arquitetados no xadrez regional. O último bastião nanocomunista do oriente é dependente dos suprimentos de armas, energia e alimentos de Beijing. Como prova de lealdade/submissão e para fazer jus ao “apoio”²², o lunático tirano da Coreia setentrional emprega suas forças armadas como força auxiliar chinesa, continuamente postas de prontidão para atezanar a vizinhança meridional peninsular ou mesmo o arquipélago nipônico, situado no raio de alcance da artilharia de Pyongyang. Em meio a tensões, provocações e armistícios diplomáticos, os chineses conduzem com pitadas *hitchcockianas* suas relações com adjacentes do mar amarelo.

Outra rezinga remanescente da guerra fria ainda em voga é a questão taiwanesa. Beijing considera Taipei uma província rebelde desde o período em que Chiang Kai-shek e seguidores se refugiaram na ínsula, após sucessivas derrotas militares. Desde então, o relacionamento entre ambos é deveras inamistoso. Durante anos, Formosa amparou-se no escudo militar dos Estados Unidos. Entretanto, quando o pragmatismo comercial rompeu os dilemas ideológicos, a improvável relação sino-estadunidense floresceu, enfraquecendo os nacionalistas na seara regional²³.

Recentemente, interesses comerciais têm fomentado a aproximação entre chineses ilhéus e continentais. Entretanto, Taipei desconfia que Beijing sufocará as garantias democráticas vigentes em Formosa quando anexar novamente a ínsula. Reforça esta suspeição o exemplo de Hong Kong²⁴.

Não apenas a população chinesa tem sido atingida pela opção de “crescer a qualquer preço”, imposta pelo Partido Comunista local. Nas cercanias não faltam preocupações sobre problemas ambientais que não respeitam fronteiras políticas:

As barragens que a China está construindo nos rios Mekong e Salween afetam o abastecimento de água de países como Laos, Camboja, Tailândia, Vietnã e

²²Além de subvencionar Pyongyang, de acordo com Smith e Braein (2007, p. 80), a China também acolhe aproximadamente 50 mil refugiados norte-coreanos.

²³O cerco diplomático continental à Taipei se mostrara implacável ao passar dos anos. Em 1971, os nacionalistas foram “convidados” a sair da Organização das Nações Unidas, quando Beijing ingressou neste fórum supranacional. Entretanto, as sanções não cessaram. Diversas nações, dentre elas o Brasil, não mantêm atualmente relações diplomáticas com Formosa, temerosos de possíveis retaliações aplicadas pelos mandarins mais poderosos.

²⁴A China governa o antigo enclave da coroa britânica por meio da fórmula “um país, dois sistemas”. Os habitantes de Hong Kong convivem com uma relativa autonomia e algumas liberdades não desfrutadas pelos demais chineses, a exemplo do sufrágio universal para o governo dessa região administrativa especial. Contudo, recentemente, Beijing vive às turras com manifestantes locais, que acusam o poder central de restringir conquistas democráticas.

Mianmar. Os cambojanos temem que os lagos sequem e prejudiquem a pesca, sua principal fonte de proteína, enquanto os vietnamitas acham que não terão água suficiente para sustentar a produção agrícola e outras atividades básicas. A construção de inúmeras represas na China pode colocar em risco o abastecimento de água para a população de Índia, Nepal, Paquistão, Bangladesh e Cazaquistão. [...] A precipitação de chuva ácida decorrente das emissões de dióxido de enxofre, fenômeno para o qual a China contribui decisivamente, destruiu florestas no Japão e na Coreia do Sul. Esse é um ponto nevrálgico nas relações diplomáticas no nordeste da Ásia - ali, metade da chuva ácida é causada pelas usinas termelétricas a carvão e pelos escapamentos dos carros chineses (SHAPIRO, 2015, s.p.).

Ademais, as coevas disputas territoriais pela posse de ínsulas inabitadas acirram os ânimos entre Tóquio e Beijing. Estas altercas não derivam apenas do direito a supostas jazidas petrolíferas/gás natural. Trata-se de um entrave requentado por pretéritas feridas não-cicatrizadas desde a invasão da Manchúria por tropas imperiais nipônicas, durante a Segunda Grande Guerra. O ressentimento nacionalista chinês é uma cortina de fumaça. Subjaz ao ufanismo um pragmático jogo cujo prêmio é a hegemonia sobre a região mais povoada do planeta.

Segundo Almeida (2014), estima-se que nas ilhas Diaoyu ou Senkaku (em japonês), ínsulas em litígio entre Japão e China, existam aproximadamente 200 bilhões de metros cúbicos de gás natural. Contudo, a apropriação desses recursos energéticos por Beijing não será simples, pois os Estados Unidos possuem um entreposto militar nesse arquipélago.

SEPARATISMO

Na seara tibetana, não somente os vizinhos indianos azucrinam a tranqüilidade dos sino-dirigentes. O povo fixado há séculos neste dobramento moderno²⁵ não aceita passivamente a ocupação chinesa. No período recente, as forças dominantes enviaram massivamente exemplares da etnia *han* para povoar as gélidas montanhas da região. Em contraposição, os locais liderados pelo religioso budista Dalai Lama usam díspares artifícios de resistência para tentar manter suas tradições culturais preservadas, tarefa deveras árdua frente ao poder de Beijing sobre a região.

A resistência dos tibetanos é considerada um feito hercúleo, dada a onipotência do oponente. A supremacia da China não é apenas bélica e econômica. Os chineses são hábeis no uso de mecanismos diplomáticos para fazer prevalecer seus interesses. Como membro permanente (e com direito a veto) do Conselho de Segurança da ONU (Organização das Nações Unidas), o país dispõe de força no principal fórum multilateral do planeta para

²⁵Originada no processo de orogenia entre os limites convergentes situados entre as placas tectônicas eurásiana e indo-australiana.

impedir o reconhecimento da comunidade internacional de qualquer província que ouse sair da órbita do sino-politburo.

Com base em tamanhos entraves, qual nação seria suficientemente impetuosa para defender efetivamente o desmembramento territorial mandarim, ainda que seja uma porção ínfima de seu vasto domínio? Sob a ameaça de represálias comerciais (e se necessárias militares), não há, no contexto internacional vigente, quem se disponha a marchar ao lado do “povo das montanhas” do Himalaia.

Para desespero dos chineses, o formato de resistência pacífica do Budismo tibetano não se replica em outras províncias onde há reivindicações separatistas. No centro do país, reascenderam “[...] antigos localismos – da tradição, do nacionalismo, da linguagem e da ideologia – próprios da modernidade” (MOREIRA, 2004, p. 10). O caso mais emblemático ocorre na região autônoma de Xinjiang, onde habita a minoria étnica muçulmana uigur.

Situada no oeste do país, esta unidade administrativa é ponto de passagem para canais de óleo/gás natural oriundos de antigas repúblicas centro-asiáticas soviéticas²⁶. Beijing tem se esforçado para melhorar as relações com estes países, ainda sob a órbita de Moscou. Desta forma, visa amealhar insumos energéticos no varejo e reduzir sua dependência de importações do Oriente Médio (sobretudo do instável Irã) e da neoczarista Rússia.

O anseio dos uigures de escolherem soberanamente a trilha de suas vidas tem tirado o sono de Beijing. Tanto em Xinjiang quanto em outras províncias, rebeldes descontentes com a repressão da etnia *han* dominante têm fomentado ataques armados regularmente. Estes atos são bem organizados e vitimizam tanto a população civil quanto delegacias e membros das forças de segurança. Esta reafirmação do nacionalismo não é um fenômeno estranho à Globalização. De acordo com Massey (2000, p. 178), as buscas pela territorialização das identidades ocorrem simultaneamente às tentativas de aproximação/contatos entre distintos e distantes povos na “aldeia global”.

Tensões internas, contendas com as cercanias e a defesa de interesses estratégicos²⁷ têm motivado a elevação dos gastos militares de Beijing. O sino-politburo aposta na antiga estratégia de uso da força para seguir em frente com interesses expansionistas ousados para suas imediações. Entre as apostas mais expressivas está a intensificação dos fluxos da linha férrea que liga o país ao centro da Europa (Alemanha), passando por Moscou.

²⁶Turcomenistão, Quirguistão, Uzbequistão e Cazaquistão, todas islâmicas.

²⁷Tais como preservação da unidade territorial vigente no país e o suporte na segurança a empreendimentos chineses no exterior.

A QUESTÃO ENERGÉTICA

“O capitalismo é, pela natureza da sua própria história, fossilista”, sentencia Porto-Gonçalves (2006, p. 31). Prova disso é a atual demanda urbano-industrial chinesa, alimentada em demasia por carbonoenergéticos. Esse fato inflaciona os preços praticados destas *commodities* no mercado mundial, bem como contribui para níveis alarmantes de poluição atmosférica, derivada de emissões que tornam “irrespirável” o ar dos grandes centros urbanos situados na faixa leste do país, área mais adensada do planeta.

Mesmo durante o período próximo aos Jogos Olímpicos de Beijing 2008, quando o governo chinês impôs o fechamento temporário de fábricas para reduzir das emissões de poluentes atmosféricos, com vistas a não arranhar a imagem do país em um evento de grande visibilidade mundial, era possível identificar uma espessa camada de fuligem cobrindo o céu da capital do país. Ademais, não era difícil esbarrar com transeuntes protegidos por máscaras cirúrgicas, utilizadas para remediar os efeitos da contaminação do ar sobre seus corpos.

Para mitigar os efeitos da emissão de poluentes atmosféricos, dentre os quais se inclui a exposição de bilhões de habitantes a agentes difusores de patologias respiratórias, o governo chinês aposta a adoção de tecnologias “limpas”, uma tentativa de forjar sustentabilidades atreladas ao “discurso economicista” (GUIMARÃES, 1997, p. 26).

A construção do megacomplexo hidrelétrico de *Três Gargantas* fora o principal trunfo à redução da carbonodependência. Contudo, apesar do acréscimo de 22 gigawatts(VIALLI, 2015, s.p.) ao sistema elétrico nacional (muito para a maioria dos países, pouco para a demanda de Beijing), esse barramento situado no leito do rio Yang-Tsé cobrou do país um preço elevado: a submersão de sítios arqueológicos de valor histórico inestimável e o êxodo de ribeirinhos para adensadas e prósperas áreas citadinas do leste do país, um reassentamento difícil mesmo para um ambiente sem intervenientes para interpelar imposições estatais.

Há indícios de que a China será indutora da transição mundial para um cenário econômico de baixo carbono. Embora ainda respondam por desonrosos 24,65% das emissões globais de gases de efeito estufa (VIALLI, 2015, s.p.), Beijing pretende dar “ênfase na redução da entropia” (GUIMARÃES, 1997, p. 34), ou seja, dinamizará seu *potencial ecotecnológico* (LEFF, 2001, p. 66) por meio do aumento da participação de fontes renováveis na matriz energética e da conservação de energia. Em termos práticos, isto representa abdicar paulatinamente das reservas de carvão, consideradas estratégicas, por

tornar o país menos refém de importações:

De acordo com o Índice de Atratividade dos Países em Energia Renovável (Recai, na sigla em inglês), ranking realizado todos os anos pela EY, em 2014 a China ultrapassou os EUA e é hoje o país do mundo mais atrativo para investimentos estrangeiros em energia renovável. O ranking chama esse movimento de “a ascensão do dragão” e reafirma os esforços do governo chinês de abrir o mercado para investimentos nesse campo, especialmente em segmentos onde almeja aumentar sua presença, como é o caso da geração de energia eólica offshore, geração maremotriz (a partir da força das marés) e solar distribuída. O desenvolvimento tecnológico em campos ainda pouco explorados por outros países, com perspectivas de liderança internacional — como já ocorre com os painéis solares —, é outra motivação para que a China reduza seu apetite voraz pelo carvão: todos os anos, consome 4 bilhões de toneladas do insumo (VIALLI, 2015, s.p.).

Concomitantemente ao investimento em diversificação de opções às fontes fósseis, os chineses utilizam o *know-how* adquirido na expansão de vanguardistas alternativas energéticas para prospectar negócios de infraestrutura mundo afora. No Brasil, por exemplo, estão aplicando R\$ 40 milhões para edificar uma fábrica de painéis e equipamentos de geração fotovoltaica, nas imediações do complexo portuário-industrial de Pecém (CE). Espera-se uma expectativa de contratação de um gigawatt em novos leilões regulados, revela Bitencourt (2015, B12).

OS MOVIMENTOS RECENTES DE APROXIMAÇÃO DO BRASIL

O empresário Wang Jianlin é um representante típico do marketing emergente da China. Seu genitor fora veterano da revolução comunista. Seu descendente seguiu a trajetória paterna nas fileiras do exército. Depois de trocar os trajes verde-oliva por ternos bem cortados, amealhou o espólio de uma imobiliária falida e, a partir deste empreendimento, consolidou o conglomerado Dalian Wanda Group, formado por companhias de vários segmentos²⁸.

Em princípio, a atuação do bilionário teria maior sinergia com a recorrente inundação dos mercados ocidentais com quinquilharias, dentre eles o Brasil (CARDOSO, 2015, 54-55). Entretanto, o interesse do magnata²⁹ é outro: importar jogadores de futebol do Brasil para emergente Super Liga Chinesa. Para aqueles que imaginavam a preferência chinesa por *commodities* cabe o alerta: os mandarins se interessam por qualquer negócio

²⁸Os negócios de Wang envolvem desde o comércio varejista local a hotéis. Não se sabe se obteve ajuda estatal, muito menos se há semelhança com o *modus operandi* patrimonialista brasileiro.

²⁹O empresário é dono de um clube da primeira divisão local e, recentemente, adquiriu 20% do Atlético de Madri, uma das principais forças de segunda grandeza da Europa (CARDOSO, 2015, p. 54-55).

capaz de gerar dividendos generosos e não importa o campo de atuação. Por enquanto, em virtude da crise técnica histórica do futebol brasileiro, os chineses ainda preferem os grãos e minérios aos “pés de obra” brasileiros.

Wang Jianlin não é o único personagem interessado no Brasil. Para prospectar novas oportunidades, o primeiro-ministro Li Keqiang visitou recentemente Brasília. Entre troca de afagos mútuos, foram assinados diversos acordos, a maioria no campo da infraestrutura, destinados a facilitar a prospecção (caso do óleo do pré-sal) e escoamento de insumos (BARROCAL, 2015, p. 18-23).

Por enquanto, as negociações entre os dois países são costuradas com parcimônia. Assinar acordos bilaterais precipitados com os pragmáticos chineses pode acarretar prejuízos irreversíveis ao Brasil. Por isso, cautela é a palavra de ordem em Brasília. Contudo, com a economia em cambaleios, o Planalto tem acenado discretamente com possíveis concessões, como contrapartida a sino-investimentos imediatos, essenciais para alavancar as atuais taxas de crescimento.

Na primeira rodada de conversas, os orientais retiraram embargos à carne bovina brasileira, compraram títulos da Petrobras, firmaram contratos de longo prazo com a Vale, adquiriram aviões da EMBRAER e estudaram a proposta de uma futura *join venture* com a Marcopolo³⁰. Em meio a gestos louváveis de boa vontade, há até acordos de fomento ao tênis de mesa e *badminton*, além da possibilidade de extensão do programa “Ciência sem Fronteiras” para universidades chinesas (BARROCAL, 2015, p. 18-23), contrapartidas no valor de “duas mariolas e um cigarro iolanda”³¹.

Em troca de mais supostos benefícios, os chineses pleiteiam a ingerência sobre 58 projetos estratégicos no território brasileiro, dentre os quais a construção do “Corredor Bioceânico”, uma ligação ferroviária que ligará o cerrado nacional à costa peruana, transpondo os Andes. Seria uma alternativa de circulação de insumos sem passar pelo entreposto do Canal do Panamá, de taxas majoradas na visão de Beijing. Contudo, convém não descartar a repetição do insucesso da *Mad Maria*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Deus fez o céu e a terra. O resto é feito na China”. Este bem-humorado *post* em

³⁰Especializada em carrocerias de ônibus.

³¹Inferência à letra de “Tocar na Banda”, de Adoniran Barbosa.

uma rede social³² resume a marca vigente do país no mundo. Porém, há sinais de fadiga nessa questionável exuberância. Os padrões insustentáveis do modelo de produção em vigor são a causa desta iminente derrocada, ainda que prevaleça a aposta do capital em “soluções técnicas para os problemas de contaminação” (GUIMARÃES, 1997, p. 15) enquanto mitigadoras de “perturbações desintegradoras” (AB’SÁBER, 2003, p. 25). Não há garantias de sucesso destas supostas iniciativas reparadoras.

A desastrosa política industrial de Beijing trouxe danos difíceis de serem abrandados. Também não é possível inferir um cenário positivo para o rastro de desequilíbrios nas cercanias provocados por ações desencadeadas em território chinês. Esta perspectiva vale tanto para as proximidades como as florestas do sudeste asiático quanto para o oeste americano afetado pelas emissões atmosféricas oriundas do colosso asiático, ambas as áreas citadas anteriormente como espaços impactados por *vazamentos*.

Ademais, mesmo quando são apresentadas tais “alternativas técnicas” (a exemplo das soluções energéticas anteriormente citadas), há de se supor que as forças hegemônicas não disponham da paciência imprescindível para aguardar a maturação de possíveis resiliências no espaço natural (HOLLING; BERKES; FOLKE, 1998, p. 353), haja vista que prazos dilatados são dificilmente aceitos por mercados, “[...] cujos sinais respondem a alocação ótima de recursos no curto prazo” (GUIMARÃES, 1997, p. 22). Em linhas gerais, se a economia mundial se reaquecer, nada garante o não uso das reservas de carvão pelos chineses, por exemplo.

Por enquanto, a “iniqüidade no acesso à base de recursos naturais” (GUIMARÃES, 1997, p. 15), contribui parcialmente para contenção da degradação ambiental. Contudo, conforme recomenda os “bons manuais” de Geografia, convém fazer avaliações sistêmicas para questões de natureza complexa. Portanto, se o poder de compra da minoria abonada da China fosse universalizado, o quadro seria catastrófico. Entretanto, embora não haja perspectivas de “inflação” de novos-ricos no país, dois fatores preocupam: o primeiro é o fato do país se voltar cada vez mais para seu mercado interno (estratégia para reduzir a dependência de exportações). Esta iniciativa aumenta a pressão sobre recursos naturais em todo o planeta, dado o contingente populacional nacional.

O segundo é a pressão do consumo de camadas médias em nações populosas como o Brasil e a Índia, decorrente do “efeito cascata” derivado da China. Do ponto de vista social, diminui-se a desigualdade. Contudo, as pressões ambientais se majoram. Em outras

³²Infelizmente, não é possível dar os devidos créditos a esta afirmação. Esta publicação está disponível no sítio eletrônico: <<https://www.facebook.com/mytopfm/photos/a.434454991146.226674.291220036146/10152485745006147/?type=1&theater>>.

palavras: a política de ascensão do poder de compra como estratégia de redução de “[...] situações de extrema desigualdade no acesso e distribuição dos recursos naturais” (GUIMARÃES, 1997, p. 15) é desejável. Entretanto, transborda *spillovers* devastadores: depreciação de espaços naturais em escala mundial, tamanha a elevação de demandas urbano-industriais dessas áreas. Em ambos os casos, a apologia a possíveis restaurações a vindouro é temerária, dados os custos elevados dessas ações, suscetíveis a *frameworks* incipientes, passíveis de equívocos de avaliação da pegada ecológica³³.

No mais, na seara vigente, as forças hegemônicas diariamente se reafirmam através de implacáveis instrumentos de controle. Ainda assim, não há como desconsiderar estratégias de relutância, bem como é também inapropriado não ponderar sobre a relevância do componente escala na análise espacial destes processos de submissão/insurgência, ou seja: é imprescindível admitir o *nexus* entre o local, o regional, o nacional e o mundial na compreensão dos fenômenos espaciais e seus desencadeamentos.

Cabe reafirmar que, embora o cenário globalizante imponha análises conjunturais amplas, esta configuração não invalida abordagens menos abrangentes, delimitadas a compreender de contextos mais restritos, embora não tenha sido este o percurso optado por este artigo. Portanto, a fragmentação é pertinente para dar conta de cenários específicos, mas não impedem o pesquisador de relacionar seu objeto “controlado” a encadeamentos mais “globais”. Prova disso foram os recortes espaciais abordados ao longo deste texto, envolvendo panoramas relacionados à China.

Ademais, convém reafirmar que não existem perspectivas de solução, em curto prazo, dos variados conflitos diplomáticos e militares envolvendo China e seus vizinhos, muito menos de desaparecimento de insurgências, vistas como rebeliões por Beijing. Este fato se explica na indisposição do sino-politburo de ceder em longas negociações. Discretamente, a diplomacia das nações situadas nas cercanias sinaliza os mandarins como intransigentes contumazes.

Por fim, reitera-se: os esforços para traçar cenários declinantes acerca do modelo chinês são mera tentativa de “presentificação do futuro” (MOREIRA, 2004, p. 15). Afirmar com precisão o período minguante chinês é ainda um “exercício de futurologia”. Há décadas atrás, analistas apostavam na derrocada estadunidense com a então iminente ascensão nipônica. Entretanto, engavetaram suas projeções após o fracasso japonês na tentativa de estimular o dispêndio de famílias locais. Os Estados Unidos continuam a ser

³³Na perspectiva restauradora, Leff (2001, p. 65-7, 74) alerta que não há instrumentos capazes de precificar os serviços ambientais, nos moldes usados pela economia. Significa que tais serviços têm valor em si, “intraduzíveis a preços de mercado”.

uma das forças preponderantes no mundo atual, apesar da existência de postulantes a desafiante no pós-1945. Ainda assim, é preciso prudência antes de decretar o sino-réquiem. De fato, há perspectivas de esgotamento ante as insustentabilidades evidenciadas ao logo deste artigo. Entretanto não se deve descartar a capacidade do país de se reinventar ao primeiro sinal de crise mais acentuada.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 9-26.

ALMEIDA, Raphael Villela. Os BRICS e as transformações estruturais no sistema mundial. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA, GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO, 1., 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** 2014. Rio de Janeiro e Porto Alegre: Letra1; Rio de Janeiro: REBRAGEO, 2014, p. 720-732.

BARROCAL, André. O ouro de Pequim: a China acena com aportes bilionários e duradouros na infraestrutura e no setor industrial brasileiros. Mas nem tudo que reluz... **Carta Capital. Confiança**, São Paulo, ano 21, n. 851, 27 maio 2015, p. 18-23.

BITENCOURT, Rafael. Solar atrai projetos de R\$ 40 milhões no CE. **Valor Econômico**, São Paulo, ano 16, n. 3769, 3 e 4 jun. 2015, p. B2.

CARDOSO, Rodrigo. Negócios da China. **Istoé**, São Paulo, Três, ano 38, n. 2360, 23 fev. 2015, p. 54-55.

CARVALHO, Janaína. **MPT investiga pastelaria por uso de trabalho escravo no Rio**: chineses não recebiam por trabalho subumano e eram torturados, diz MPT. Segundo procuradora, foi encontrada carne de cachorro congelada. Rio de Janeiro: G1, Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/04/mpt-investiga-pastelaria-por-uso-de-carne-de-cachorro-e-trabalho-escravo.html>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

COSTA, Kike Martins da. Dez experiências únicas: hoje, o verdadeiro luxo está nas sensações vivenciadas em meio a culturas e em paisagens exóticas. **29 horas**, São Paulo, ano 6, ed. 66, p. 40-44, abr. 2015a.

COSTA, Sérgio. A China está mais perto. **Correio da Bahia**, Salvador, ano 37, n. 11900, p. 2, 23 maio 2015b.

DAVIS, Bo; HILSENATH, Jon; WEI, Lingling. Excesso de capacidade da China amplia efeitos da deflação em todo o mundo. **Valor Econômico**, São Paulo, ano 16, n. 3769, 3 e 4 jun. 2015, p. B9.

GUARTAMBEL, Carlos Pérez. Onde a defesa da água é delito. **Le Diplomate Brasil**, São Paulo, Ano 8, n. 94, p. 16, maio 2015.

GUIMARÃES, Roberto P. Desenvolvimento sustentável: da retórica à formulação de políticas públicas. In: BECKER, Bertha K.; MIRANDA, Mariana (Org.). **A geografia**

política do desenvolvimento sustentável. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997, p. 13-44.

HOLLING, C.S. BERKES, Fikret. FOLKE, Carl. Science, Sustainability and resource management. In: BERKES, Fikret; FOLKE, Carl (Ed.). **Linking Social and Ecological Systems.** Cambridge University Press, 1998. p. 342-362.

KLINKE, Ângela. Preços passam por quebra de paradigma. **Valor Econômico**, São Paulo, ano 16, n. 3769, 3 e 4 jun. 2015, p. D4.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** Trad. Grupo “As (Im)possibilidades do urbano na metrópole contemporânea” do Núcleo de Geografia Urbana da UFMG (do original: *La production de l'espace*. 4. ed. Paris: Editions Anthropos, 2000). Primeira versão; início – fev. 2006, cap. I.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental.** Petrópolis: Vozes, 2001, p. 65-95.

MAPA do investimento chinês na África revela destino de US\$ 75 bi. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/04/130430_china_africa_ru>. Acesso em: 21 maio 2015.

MASSEY, Doreen. O sentido global do lugar. In: ARANTES, Antônio A. (Org.). **O espaço da diferença.** Campinas: Papirus, 2000. p. 177-185.

MOREIRA, Roberto. Cultura, Sustentabilidade e Saberes Assimétricos: uma narrativa sobre a renda da natureza na contemporaneidade. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 28., 2004, Caxambu. **Anais...** Caxambu, Minas Gerais: ANPOCS, 2004.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 9-156.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: EDUSP, 2010. p. 313-339.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 174 p.

SAFATLE, Vladimir. A produção da crise. **Carta Capital**, São Paulo, Confiança, n. 855, p. 34, 24 jun. 2015.

SHAPIRO, Judith. **O desastre ecológico da China.** 2015. Disponível em: <<http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/ambiente/livro-judith-shapiro-desastre-ecologico-crescimento-china-684853.shtml>>. Acesso em: 8 maio 2015.

SMITH, Dan. BRAEIN, Ane. **Atlas da situação mundial.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes. Território e (des)territorialização. In: _____. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013, p. 77-110.

VANCE, Erik. Pescados para Bilhões. **Scientific American Brasil**, São Paulo, Três, Ano 13, n. 156, p. 42-49, maio 2015.

VIALLI, Andrea. O empurrão chinês. **Página 22**, São Paulo, FGV EAESP, ed. 92, 2 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.pagina22.com.br/index.php/2015/02/o-empurrao-chines/#sthash.nINc2c7q.dpuf>>. Acesso em: 8 jun. 2015.

Recebido para avaliação em 31/01/2016
Aceito para publicação em 12/05/2016